

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

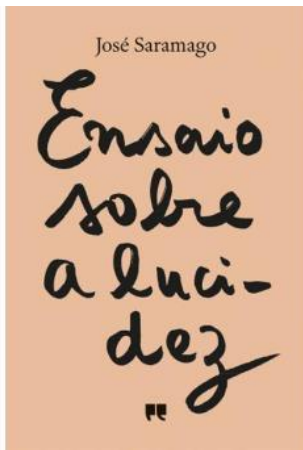
FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

AGOSTO 2018

GUIA DE LEITURA

ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ – JOSÉ SARAMAGO



Biografia: Nasceu em 1922, de uma família de camponeses da província do Ribatejo, em Portugal. Devido a dificuldades econômicas foi obrigado a interromper os estudos secundários, tendo a partir de então exercido diversas atividades profissionais: serralheiro mecânico, desenhista, funcionário público, editor, jornalista, entre outras. Seu primeiro livro foi publicado em 1947. A partir de 1976 passou a viver exclusivamente da literatura, primeiro como tradutor, depois como autor. Romancista, teatrólogo e poeta, em 1998 tornou-se

o primeiro autor de língua portuguesa a receber o Prêmio Nobel de Literatura. Saramago faleceu em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, em 2010. A Fundação José Saramago mantém um site sobre o autor www.josesaramago.org

Sinopse de *Ensaio sobre a Lucidez*: Numa manhã de votação que parecia como todas as outras, na capital de um país imaginário, os funcionários de uma das seções eleitorais se deparam com uma situação insólita, que mais tarde, durante as apurações, se confirmaria de maneira espantosa. Aquele não seria um pleito como tantos outros, com a tradicional divisão dos votos entre os partidos "da direita", "do centro" e "da esquerda"; o que se verifica é uma opção radical pelo voto em branco. Usando o símbolo máximo da democracia - o voto -, os eleitores parecem questionar profundamente o sistema de sucessão governamental em seu país. É desse "corte de energia cívica" que fala *Ensaio sobre a lucidez* (2004). Não apenas no título José Saramago remete ao seu *Ensaio sobre a cegueira* (1995): também na trama ele retoma personagens e situações, revisitando algumas das questões éticas e políticas abordadas naquele romance. Ao narrar as providências de governo, polícia e imprensa para entender as razões da "epidemia branca" - ações estas que levam rapidamente a um devaneio autoritário -, o autor faz uma alegoria da fragilidade dos rituais democráticos, do sistema político e das instituições que nos governam. O que se propõe não é a substituição da democracia por um sistema alternativo, mas o seu permanente questionamento. É pela via da ficção que José Saramago entrevê uma saída para esse impasse - pois é a potência simbólica da literatura (território em que reflexão, humor, arte e política se entrosam) que se revela capaz de vencer a mediocridade, a ignorância e o medo.

José Saramago habituou-nos que a leitura pode ser uma tarefa difícil. Se ainda não leu nenhuma das suas obras, saiba por onde começar. Por: Pedro Venâncio [Revista Estante]

Singular pela forma peculiar como articula a pontuação nas entrelinhas das suas obras, José Saramago é o autor português que mais dores de cabeça coloca aos seus leitores. Adorado por uns, detestado por outros, não é indiferente para ninguém. Se já despertámos a sua curiosidade, aceite o desafio e fique a conhecer as obras mais acessíveis do Nobel português.

Uma necessidade maior de clareza

Para o leitor que deseja uma leitura fluída e linear, *Ensaio Sobre a Cegueira* é um bom ponto de partida para a obra do autor. Pautada por uma terrível aflição ao longo das suas mais de 300 páginas, a história parte de uma cegueira coletiva que se alastra “como um rastilho de pólvora”. Aos olhos de Saramago, é “um livro francamente terrível com o qual eu quero que o leitor sofra tanto como eu sofri ao escrevê-lo”. A par com a obra anterior, no romance *Ensaio Sobre a Lucidez* Saramago critica as instituições do poder político. Um ensaio para quem vê o lado autoritário da democracia.

Não sendo um dos livros mais conhecidos, *A Caverna* transmite igualmente uma escrita compreensível ao longo das suas páginas, fugindo à regra da sua clássica maneira de escrever. A história de um mundo em rápido processo de extinção e de outro em exacerbado crescimento e transformação, assombrado pela ilusão enganosa de progresso.

Conteúdos à parte, estas obras refletem um Saramago que se debruça sobre temas mais universais de crítica à sociedade. Nelas encontramos um aproximar ao cânone do português e à exposição linear dos acontecimentos. Esta clareza na narrativa permite ao leitor comum continuar a leitura sem o retrocesso a páginas anteriores.

Uma espécie de resimplificação

José Saramago divertia-se, palavra após palavra, sem pontos nem vírgulas. “Há como que uma recusa minha de qualquer coisa em que eu me divertia, que era uma espécie de barroquismo, qualquer coisa que eu não conduzia, mas que de certo modo me levava a mim.” Em *Intermitências da Morte* parece existir um aproximar da pontuação correta ao nível do português. Ainda assim, Saramago não descarta o sarcasmo e a carga irónica que acompanham a sua escrita. Em mais uma reflexão crítica à sociedade moderna, o autor divaga sobre a vida, a morte, o amor e a falta dele na nossa existência.

OPINIÃO Ensaio sobre a lucidez 30 de Setembro de 2013, Pedro Sousa Carvalho [Jornal Público]

O grande vencedor destas eleições autárquicas foi a abstenção. Não houve festa. Não se abriram garrafas de champanhe. Na sede de campanha da dita abstenção não havia ninguém para festejar. Abstiveram-se.

Num dia de chuva, poucos eleitores apareceram de manhã para votar. As autoridades temiam uma enorme abstenção. À tarde, a afluência às urnas começou a melhorar e até se faziam filas para votar. Mas ao final do dia, fechadas as urnas, e para grande espanto e consternação das autoridades eleitorais, concluiu-se que 70% dos eleitores votaram em branco. Uma catástrofe!, berravam os partidos da direita, da esquerda e do meio.

Esta história passa-se num país imaginário e é contada por José Saramago no livro *Ensaio sobre a Lucidez*.

Portugal nunca terá tido uma abstenção de tal monta. Mas já estivemos lá perto. Nas europeias de 94, a abstenção atingiu os 64,5% e, nas presidenciais em 2011, chegou aos 53,5%.

Nas autárquicas, a abstenção, por norma, não costuma ser muito elevada, ou melhor, não costumava. Mal chegava aos 40%. Mas nas eleições desta semana bateram-se todos os recordes: 47,4% dos eleitores inscritos não votaram. E os votos nulos e brancos atingiram também valores recorde, passando para o dobro face a 2009.

E qual é a explicação para este fenómeno? No romance de Saramago, um dos personagens, o ministro da Justiça, ensaia uma explicação que escandaliza os seus colegas de governo: “O voto em branco poderia ser apreciado como uma manifestação de lucidez por parte de quem o usou.”

Os politólogos que comentaram o nível de abstenção nestas autárquicas, os votos nulos e os votos em branco não se atêm apenas aos exercícios de lucidez. Falam do voto (ou não voto) de protesto, da fadiga da austeridade, da cobertura (ou falta dela) das televisões, da abstenção técnica e dos eleitores-fantasma. E há quem prefira colocar o eleitor num divã e perorar sobre a psicologia eleitoral. O voto em branco ou nulo pode expressar um protesto. A abstenção pode significar alheamento. Sendo que o sentimento de impotência — “o meu voto pouco ou nada vai mudar” — pode ser o denominador comum a quem rasura o seu boletim de voto, a quem nada escreve ou a quem nem sequer se dá ao trabalho de lá pôr os pés.

Campos e Cunha dizia há uns tempos numa entrevista que os votos em branco — e não as abstenções — deviam estar representados no Parlamento por lugares vazios. Uma excelente ideia. E a abstenção?

A abstenção não é uma manifestação de lucidez. A abstenção é o alheamento, a indiferença, o desinteresse, a desistência e a resignação. Empobrece e enfraquece a democracia. E a culpa não é só dos políticos, pelo que fazem e pelo que deixam de fazer. É também de quem se abstém de escolhê-los e de castigá-los nas urnas.